



## UM FILME SOBRE A PESCA ARTESANAL: AS ARTES AUDIOVISUAIS NAS PRÁTICAS DE ENSINO

SABINA SEBASTI<sup>1</sup>; MÁRCIO CAETANO<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [sabinasebasti@gmail.com](mailto:sabinasebasti@gmail.com)

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – [mrvaetano@gmail.com](mailto:mrvaetano@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende apresentar os resultados das práticas de ensino experimental que pautaram as aulas da disciplina Patrimônio, Memória e Gestão Cultural, do curso de Produção e Política Cultural da Universidade Federal do Pampa, campus Jaguarão. Práticas baseadas em um método, tradicionalmente aplicado no campo das artes, que se sustenta na ideia de que a experiência deve ser confrontada ao início, que a atividade prática deve ser realizada em primeiro lugar e que só em uma segunda etapa se apresentam teorias e conceptualizações as quais surgem, assim, *a posteriori*, como análises da experiência vivida. Desta forma, o estudante se aventura a lidar com situações concretas, inesperadas, desenvolvendo a confiança nas próprias percepções sensoriais e interpretações do real. Desde a elaboração do plano de ensino da disciplina, o objetivo consistiu em examinar em que medida práticas que são tradicionalmente implementadas no ensino das artes, poderiam contribuir com a produção de conhecimentos em outras áreas. Examinar de que forma “uma concepção de prática enraizada nas artes pode contribuir para o melhoramento dos meios e dos fins da educação” (EISNER, 2008). A arte deixava de ser conteúdo para se transformar em método. O desafio consistia em conduzir aos estudantes à construção de experiências nas quais pudessem ser protagonistas, priorizando a observação da realidade e impulsando a elaboração de projetos originais que contemplassem suas circunstâncias de vida.

Nesta particular experiência, diante de uma disciplina cujo conteúdo era patrimônio e memória, se olhou ao patrimônio como uma narrativa que se constrói e não desde a visão museística de algo que está ali apenas como resquício de um passado mumificado e estático. Asumindo que “museu e patrimônio são dispositivos narrativos, servem para contar histórias, (...) pontes, janelas ou portas poéticas que servem para comunicar e, portanto, para nos humanizar” (CHAGAS, 2007), construindo memórias, relatos que exibam “a cultura hoje como uma cultura livre, móvel e flutuante (...). Uma cultura que não dispõe de âncoras ou que as descartou ao longo da viagem” (COELHO, 2008). Decidiu-se que o cometido do semestre seria a elaboração de um filme documentário, no qual os registros audiovisuais se transformem em memórias poéticas de um patrimônio vivo. Projeto para o qual se precisaria da participação de toda a turma.

Na região de Jaguarão, uma cidade erguida na beira do rio do mesmo nome que delimita dois países, a água caracteriza essa fronteira, líquida, inapreensível, frágil e ao mesmo tempo profunda. Definido pela geografia, surgiu a eleição do tema para o documentário, seria sobre a pesca artesanal. Registrar às comunidades de pescadores que durante gerações souberam desenvolver hábitos sustentáveis em sua relação com a natureza, enquanto hoje “o esgotamento dos recursos naturais, a poluição do ar e o esquentamento global tornam-se problemas do cotidiano” (PIEVE; KUBO e SOUZA, 2009). Mediante uma curta-metragem se



apresentaria à pesca artesanal não somente como uma atividade econômica, mas como um resiliente modo de vida, inserido na paisagem dos pequenos e coloridos barcos de madeira que descansam na beira do rio.

## 2. METODOLOGIA

A realização de um documentário não consiste em uma tarefa simples que possa ser planejada. Neste tipo de filmes não é viável ter um roteiro previamente estruturado ou um *storyboard* definido antes da rodagem. A filmagem de um documentário implica um trabalho de campo que requer de pesquisas exploratórias no terreno onde se pretende filmar, contatar às pessoas adequadas, ir ao encontro dos que poderiam se prestar a serem entrevistados. Descobri-los nos seus modos de vida, nas suas rotinas diárias, no possível pescando. Esperar o instante preciso em que estejam dispostos a estabelecer um diálogo e dar seu consentimento para serem registrados ou questionados. Em poucas palavras, esperar uma revelação. Como aconselha o cineasta GUZMÁN “tens que ter paciência. Se trata de estar no momento preciso no lugar indicado e esperar a que, em vez da sua cabeça, se abra sua alma. Isso requer tempo”<sup>1</sup> (2006).

O empreendimento foi possível porque entre os estudantes da disciplina se encontrava o presidente do Sindicato de Pescadores de Jaguarão, quem colocou à turma em contato com os pescadores e as pescadoras da região – o trabalho das mulheres resultou relevante e revelador – guiando as entrevistas, aportando conhecimentos que versavam desde a confecção de redes ao corte e filetado das diferentes espécies, desde os volumes capturados fora das épocas de desove, até o perigo das condições climáticas e a luta pela preservação de uma navegação segura e sustentável. Realizar um filme foi um projeto que precisou do compromisso de todos. Se explicitou a necessidade de uma equipe organizada com adjudicação de tarefas. Embora, decidir que estudante era mais apto para realizar qual tarefa era algo que não poderia ser resolvido de antemão, dada a inexperiência em cinema de todos os envolvidos, inclusive da ministrante. Por tanto, no caminho e sobre o acontecer dos fatos, na medida em que todos incursionavam na rodagem, surgiam as orientações e distribuições das diferentes atividades que envolviam à produção, encaminhando alguns para manipular as câmeras, outros para efetuar as reportagens, alguns para gravar as vozes e outros para aparecer na cena.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em uma ocasião, estávamos com os pés na lama, na beira do rio, na pequena baía onde amarraram os botes, quando um estudante, casualmente, divisou um barco pesqueiro chegando, quase no horizonte. Conseguimos manter o objetivo no foco e, desde vários ângulos, logramos registrar a chegada. Foram os melhores *takes*. Os pescadores, que voltavam depois de ter passado vários dias navegando, nos saludaram. A embarcação principal trazia três homens e com uma corda rebocava dois pequenos botes, um deles com um cachorro dentro. Ancoraram seu barco e descarregaram os peixes, enquanto continuávamos filmando.

Atualmente, a tecnologia ao nosso alcance pode ser recurso suficiente para produzir vídeos, fotografias ou áudios a partir dos quais elaborar peças de cinema,

<sup>1</sup> “tienes que tener paciencia. Se trata de estar en el momento preciso en el lugar indicado y esperar a que, en vez de su cabeza, se abra su alma. Eso es algo que requiere tiempo” (Tradução nossa).



memórias poéticas de acontecimentos, histórias e lugares. De fato, na experiência de produção do documentário sobre a pesca artesanal, duas câmeras digitais, celulares e programas de edição resultaram equipamento suficiente para sequenciar imagens e elaborar breves, mas consistentes narrativas visuais.

A dificuldade maior não foram as limitações técnicas, foi a elaboração de um roteiro literário. Pois uma vez terminadas as filmagens, logrado o cenário visual, faltava uma estória que contar. Por tanto, assim que foram finalizadas as incursões na beira do rio, a turma voltou ao isolamento de uma sala de aula para obter a concentração que permitiria a escrita de um texto, que logo seria narrado por uma ou mais vocês em *off*. A sala de aula foi transformada, momentaneamente, em um retiro que os fiéis não deviam abandonar enquanto as folhas brancas do ritual não fossem preenchidas com narrativas possíveis. O roteiro finalmente foi elaborado pelos estudantes. Seguidamente se ensaiaram as leituras e se selecionaram as vozes para gravar a narração. Ler resultou também ser uma daquelas tarefas que a tecnologia não conseguia suprir. Depois de ensaios, gravações e edições, no final do semestre, a curta-metragem “A pesca artesanal no rio Jaguarão” estava pronta e era apresentada na universidade.

#### 4. CONCLUSÕES

O artesanal pertence à esfera do denso, do maleável, como a forja do ferro ou a modelagem do barro, como um artefato de pedra talhada ou uma cadeira de madeira nobre que sempre se pode modificar. Assim são também as memórias, criações artesanais que se reelaboram permanentemente. Na atualidade, embora existam algumas exceções, a maioria dos bens que se produzem, consumem ou adquirem se rejeitam logo, como se fossem uma embalagem acessória, quando já não são úteis. Não existem museus para os restos de um celular quebrado. São objetos frágeis, sem passado, vestígios de uma civilização obsidiada pela inovação e o descarte.

Porém, na realização deste documentário, que significou uma construção de memórias, foi absolutamente imprescindível a utilização de aparelhos e recursos tecnológicos. Os celulares foram dispositivos portáteis que resultaram uteis e por momentos imprescindíveis. De alguma forma, empregá-los para filmar as cenas e gravar entrevistas foi explorar os alcances da tecnologia em usos mais singulares e próprios, significou adquirir consciência de suas possibilidades criativas.

As artes visuais, pela natureza dos seus objetos de estudo, têm sido um campo de pesquisas onde se preserva a linguagem sensorial, o saber que habita na experimentação sensível. Os artistas compreendem que existe uma linguagem não verbal, não discursiva, comunicável através das percepções. Linguagem que não só é utilizada por artistas, porém, sejam eles quem fazem dela sua matéria de expressão. As poéticas visuais se constroem na linguagem das formas, das cores, dos sons e de todos os estímulos que são percebidos através do sistema sensorial do corpo. Embora, a maioria dos métodos de preservar e transmitir conhecimentos se instituam em torno a discursos conceituais e abordagens teóricas, que pretendem acessar ao entendimento sem considerar nossos mecanismos sensoriais somáticos.

As imagens capturadas nas margens do rio, o barulho dos pássaros, o cheiro dos peixes, a confusão da névoa, os reflexos da água, esse “abstrato líquido” diria DELEUZE (1984), enfim, todo o vivenciado, observado e registrado delineou conceitos, plasmou cenários e configurou narrativas que contribuíram a preservar saberes, a construir memórias.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAGAS, M. Educação, museu e patrimônio: tensão, devoração e adjetivação. Patrimônio. **Revista Eletrônica do Iphan**, Campinas, Jan/Fev 2007. Disponível em: <<http://www.labjor.unicamp.br/patrimonio/materia.php?id=145>>. Acesso em: 5 Ago 2021.

COELHO, T. **A cultura e seu contrário: cultura, arte e política pós-2001**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

DELEUZE, G. **La imagen-movimiento. Estudios sobre cine 1**. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1984.

EISNER, E. E. O Que Pode A Educação Aprender Das Artes Sobre A Prática Da Educação? **Currículo sem Fronteiras**, Porto Alegre, 8, n. 2, Jul/Dez 2008. 5-17.

GUZMÁN, P. **Los desafíos de la realidad. Una entrevista con Patricio Guzmán**. Madrid: Andrés & Santiago Rubín de Celis. 11 mayo 2006. Disponível em: [http://doc.ubi.pt/08/entrevista\\_patricio\\_guzman.pdf](http://doc.ubi.pt/08/entrevista_patricio_guzman.pdf). Acesso em: 5 Ago 2021.

PIEVE, S. M. N.; KUBO, R. R.; SOUZA, G. C. D. **Pescadores da Lagoa Mirim: etnoecologia e resiliência**. Brasília: MDA, 2009.